



## RESENHA/TEATRO

# Jacy de Carne e Sopro

Visito os fatos, não te encontro.  
Onde te ocultas, precária síntese,  
penhor de meu sono, luz  
dormindo acesa na varanda?  
Carlos Drummond de Andrade /

por **Fernando Marineli**

### RAIO-X

#### **Fernando Marineli**

Assistente Técnico da  
GEDES - Gerência de  
Estudos e Desenvolvimento,  
do Sesc São Paulo. Formado  
em Ciências Sociais pelo  
Centro Universitário  
Fundação Santo André.

*fernandomarineli@sescsp.org.br*



Na Alemanha dos anos 1920, quando Erwin Piscator professou a importância de o teatro se basear em histórias documentadas, incluindo os recursos audiovisuais nascentes, tratava-se de uma tentativa de (re)colocar problemas reais no centro das discussões estéticas, desmistificando a produção vigente que abordava temas privados com apelo sentimental, sem relação com questões contemporâneas. A autocracia imperial deixara o poder na Alemanha havia pouco tempo e o teatro ainda se voltava essencialmente ao gozo das classes dominantes.

Diversamente, a produção de Piscator buscava abordar questões políticas ligadas ao destino dos trabalhadores, criando não apenas um novo conteúdo, mas um novo público para o teatro, apontando para o contexto de contradições sociais agudas da República de Weimar, que criara um ambiente propício para esse teatro, sobretudo em Berlim. Assim, em lugar de camuflar os problemas para o prazer pacificador das horas vagas, o objetivo seria evidenciar tais problemas por meio de uma conjugação entre elementos factuais e representação dramática como forma de conscientização política.

As práticas do dramaturgo, mais até que seus escassos trabalhos teóricos, tiveram imenso impacto na produção cênica posterior: além de influenciar diretamente figuras como Bertolt Brecht, Piscator tornou-se mentor de outros importantes artistas do teatro e do cinema ao exilar-se nos Estados Unidos no final dos anos 1930, gozando de um reconhecimento que reverberou também no seu retorno à Alemanha já nos anos 1950.

Hoje, vemos uma acentuação de produções artísticas que fazem apelo à documentação nem sempre ressoando as lógicas sociais, talvez distantes da proposta de teatro de Piscator ainda que recorrendo a seus procedimentos. Assim, muitos discursos artísticos parecem produzir uma “impressão de autenticidade”<sup>1</sup>, mirando o que parece ser uma ideia de inquestionabilidade. Frente a isso, uma proposta que lance mão desses recursos precisa debater essa própria banalização metodológica.

A peça teatral *Jacy* se constitui em torno de uma frasqueira encontrada na rua, motivando a busca pela história de uma idosa então desconhecida. A investigação do grupo potiguar Carmin traz algumas revelações: nascida em 1920 em Ceará-Mirim (RN), Jacy se apaixonou por um militar estadunidense durante a Segunda Guerra, atravessando a ditadura militar como secretária executiva de um medalhão no Rio de Janeiro, importante núcleo político do Brasil, apesar da transferência da capital para Brasília. Jacy terminou seus dias sozinha, na cidade de Natal.

Marca biográfica da personagem, os deslocamentos conjugam o desprendimento necessário para a partida com a dificuldade intransponível da chegada. No todo, sua vida representa uma tentativa algo resignada de agarrar o destino, tendo-a lançado em experiências transformadoras que, paradoxalmente, distanciaram-na das poucas relações profundas que construiu durante a vida. Mesmo aposentada, seu retorno para uma Natal transfigurada não garantiu a paz que vislumbra na cidade da sua memória.

Note-se que a ação dramática constrói uma outra realidade, onde Jacy de carne e osso torna-se uma segunda Jacy, tão ou mais real do que a efígie de partida, por se mostrar fruto de processos de que não dizem respeito só a ela, mas a muitos de nós – recurso que garante a relevância estética da proposta. Por essa razão, a vida e a morte da personagem nos tocam tanto quanto nos fazem pensar sobre a questão central da peça: o curso da vida que nos desenraiza, o processo de envelhecimento que exige nossa reinvenção contínua.

<sup>1</sup> O termo foi cunhado por Bill Nichols no livro “Introdução ao Documentário”, referindo-se a recursos tecnológicos e estilísticos que buscam provocar uma sensação de correspondência exata entre imagem e realidade.



**Se o sentido da morte está relacionado com o percurso da vida, os caminhos contraditórios percorridos pela personagem e seu fim retirado do convívio permitem enxergar uma solidão sintomática, que não devemos imaginar apenas numa velhice vindoura, mas num cotidiano de relações o mais das vezes obrigatórias.**

Em cena, a explicitação do processo de pesquisa, a partir dos documentos encontrados na fraseira e da busca por testemunhas, sustenta uma discussão sobre a concepção da peça. Tal tentativa de reconstituição aparece como uma certa frustração, talvez inerente ao fazer teatral. Apesar do recurso, sabiamente integrado à própria dramaturgia, a constante presença da primeira Jacy, com a referência reiterada aos documentos que compuseram o processo criativo, faz com que a segunda personagem perca algo de sua força particular e de seu impacto.

No entanto, para além de um sentimento de compaixão sugerido nas entrelinhas da peça, a velhice solitária de Jacy representa um traço essen-

cial da sociabilidade contemporânea. Se o sentido da morte está relacionado com o percurso da vida, os caminhos contraditórios percorridos pela personagem e seu fim retirado do convívio permitem enxergar uma solidão sintomática, que não devemos imaginar apenas numa velhice vindoura, mas num cotidiano de relações o mais das vezes obrigatórias.

Sem o apelo a uma politização hoje esfacelada, uma e outra Jacy nos questionam, em meio aos escombros da vida, se a dúvida que resulta da sujeição não é muito mais insuportável do que o preço do arbítrio. No teatro como na vida, a consciência política mais importante parece resultar essencialmente de uma prática metapolítica. ☞